



Tainá

AYNARA E O PAJÉ BUDA

Luiz Marcelo Casoni

Luiz Marcelo Casoni

AYNARA E
O PAJÉ BUDA

Novo Airão - AM
2022

Todos os recursos arrecadados por meio dessa obra serão destinados aos trabalhos desenvolvidos pela **Universidade do Amor**, um grupo de amigos voluntários que buscam praticar a essência dos ensinamentos espirituais ancestrais mais elevados num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico, no coração da floresta amazônica: O jardim de Deus.

Para conhecer mais sobre o trabalho da Universidade do Amor, acesse: **www.universidadedoamor.org.br**.

“Dedicado a todos aqueles que buscam um caminho espiritual e, em especial, para minha sobrinha Luana que nasceu numa linda noite de luar. Como nos ensinou o Buda, cujos ensinamentos são como um dedo apontado para a lua, pois uma pessoa sábia, sabe que o dedo é apenas um instrumento para auxiliar a ver a lua, mas se nos equivocamos pensando que ele, o dedo, seja a lua, jamais veremos a lua real”

Prólogo

Este pequeno livro é inspirado na história de Sidarta Gautama que, assim como Francisco de Assis e tantos outros, abandonou as benesses e facilidades materiais para, com muito amor, renúncia, esforço constante e abnegação, encontrou e praticou a essência dos conhecimentos espirituais universais, se tornando um Buda: um iluminado, aquele que tem olhos para ver além, muito além, muito mais além.

A motivação do autor é humildemente compartilhar estes maravilhosos ensinamentos provindos do Buda Sakyamuni, chamados de Dharma; sua leitura pode ser uma inspiração aos leitores a trilharem um caminho espiritual em busca da verdade, assim como o príncipe Sidarta corajosamente o fez, há 2600 anos.

Sumário

NASCIMENTO E CRESCIMENTO	9
AS DESCOBERTAS DAS MAZELAS TERRENAS	14
A SAÍDA DO PALÁCIO	19
SIDARTA SE TORNA UM BUSCADOR DA VERDADE	22
CONHECENDO OS ENSINAMENTOS E PRÁTICAS	24
APROFUNDANDO E SE ILUMINANDO	38
RETORNO AO REINO SAKYA.....	45
O ENCONTRO COM SUA ESPOSA E FILHO E ÚLTIMOS PASSOS E ENSINAMENTOS	55

NASCIMENTO E CRESCIMENTO

Aynara estava alegremente nadando no mágico Rio Negro, no igapó, em frente à sua pequena aldeia, entre árvores, botos e um lindo reflexo de luzes que vinham do reflexo do sol nas águas, ainda pensava na história anterior que havia ouvido do se pajé Ayurus sobre o fantástico pajé Krishna e seus profundos ensinamentos.

Pensava que era imortal, que a vida era apenas uma rápida passagem e que tudo no universo é composto de matéria (substância), espírito (essência) e energia (vida), que existiam maravilhosas leis da vida do criador de universos e galáxias que direcionam nossos destinos. Aprendeu que somos todos livres para co-criar nossa vida através de nossa motivação, vontade, pensamento e ação em infinitas possibilidades e que, quanto mais ações de amor praticássemos conosco, com o próximo e com nosso ambiente e com todos ao nosso redor que compartilham conosco o milagre da vida, mais amor e felicidade sentiríamos. Para seguir este caminho, bastava seguir os maravilhosos preceitos que o pajé Krishna chamava de Yoga.

Assim, imersa no rio e em seus pensamentos, ela viu o pajé Ayurus vindo próximo a ela para se banhar também; ele entrou no rio ao lado dela e disse: “Minha menina linda, esta

noite me encontre no mirante e, inspirado por nossos ancestrais espirituais, te contarei a história de um outro maravilhoso pajé que veio a este mundo nos ensinar a como sermos verdadeiramente felizes e a não sofrermos.”

Aynara sorriu, agradeceu e ficou muito feliz em aprender sobre mais um grande pajé. Logo após o jantar junto a toda a aldeia, onde foi servido o prato que ela mais gostava, açai com tapioca e guaraná, ela subiu à escadaria do mirante da aldeia, onde era possível ver a floresta de cima, o rio, a aldeia e todas as estrelas e planetas. Adorava ver as estrelas cadentes e fazer pedidos. Ali já estava o pajé Ayurus, meditando sob estes milhões de estrelas e, quando a viu se aproximando, sorriu, acariciou seus cabelos e começou a contar a maravilhosa história do pajé Buda.

Ayanara, minha querida indiazinha. Um grande nosso ancestral viveu há muito tempo; ele se chamava Sidarta Gautama, e depois do que te contarei, verás que ele se tornou um grande pajé chamado de Buda que significa “Um iluminado”.

Sidarta era muito especial e único. Antes de ele se tornar este grande Pajé Buda, ele era um jovem príncipe, filho de um grande rei no reino dos Sakyas, na mesma enorme e mágica floresta, terra originária de nossos ancestrais, a mesma na qual o pajé Krishna viveu: a Índia. É a nossa raiz espiritual e a de todos os humanos da terra.

No momento em que o Pajé Ayurus mencionou a Índia, Aynara pensou: um dia, quando crescer, irei peregrinar nessa Índia incrível, para conhecer os lugares e locais de onde vieram os pajés, meus antigos ancestrais. E, continuou a ouvir.

Sidarta, quando nasceu, incrivelmente já caminhava; por onde os seus pequenos pezinhos de bebê pisavam, já nasciam flores que, naquelas bandas, as chamaram de flor de lótus e que é muito parecida com a vitória regia aqui na nossa floresta amazônica.

Seu pai, que era um grande Rei, ficou radiante de alegria e, em meio ao reinado e aos festejos do nascimento dele, do meio da floresta veio ao seu encontro um sábio pajé para ver o menino príncipe recém nascido, pois havia sentido que um ser muito especial tinha reencarnado na terra.

O rei reverenciou o sábio, pois raramente ele saía da floresta.

O sábio pegou o menino, olhou o rei e toda a corte, levantou-o ao alto e começou a chorar.

O rei, vendo aquela cena, ficou muito preocupado: porque o sábio estava chorando? Mas o sábio, neste momento, percebeu sua tristeza, se virou para o rei e disse: – Grande rei, que alegria ver seu filho. Ele é uma criança muito, mas muito especial. Não se preocupe com ele, eu profetizo e lhe digo que ele ou será um grande rei ou será um grandioso ser que ensinará a toda a humanidade a ser efetivamente feliz e se livrar do sofrimento.

O rei ficou meio confuso e perguntou: Mas sábio, se assim será, porque choras? Ambos os caminhos que previstes são maravilhosos ao meu recém-nascido Sidarta.

O sábio respondeu: Ocorre que eu acredito que ele seguirá o segundo caminho, o de iluminar a humanidade para

pararem de sofrer e, infelizmente, não estarei vivo para ouvir e vivenciar seus divinos e puros ensinamentos.

O sábio saudou a todos, abençoou o bebê Sidarta e se retirou novamente de volta à sua floresta. O rei Sakya ficou muito pensativo e ressabiado com a previsão e profecia que acabara de ouvir e se perguntou, intimamente, qual seria o caminho que Sidarta escolheria quando crescesse. Para ele, o melhor seria que se tornasse um grande rei, substituindo-o no trono e não outro como todo Rei pai espera de um filho príncipe dando sequência à sua sucessão hereditária.

O rei, pensativo, tomou uma decisão para que seu filho Sidarta não seguisse o segundo caminho que o sábio havia mencionado, o de oferecer ensinamentos, mas queria que ele fosse sim, seu herdeiro, um rei; e assim, teve a ideia de que durante toda a existência de Sidarta, iria privá-lo de ver qualquer tipo de sofrimento no palácio e no reino, não o deixaria saber e nem viver as sequelas da humanidade como doenças, velhice e morte. Firme nessa decisão, seu pai, o rei de tudo fez para que Sidarta tivesse sempre do bom e do melhor: palácios, cavalos, roupas de ouro, comidas deliciosas e exóticas e toda a sorte de divertimentos para que, desde a sua infância até a sua fase adulta, até que se tornasse rei, ele não soubesse que no mundo existem problemas, sofrimentos... Que pensasse apenas coisas boas, maravilhosas, luxúria e prazeres sensoriais sem fim. Por isso arranjou tudo para que Sidarta vivesse numa bolha de felicidade e prazer, isolado da realidade.

O rei procedeu e ordenou para todo o reino que sempre fosse feito dessa maneira, que quando Sidarta resolvesse ca-

valgar ou passear pelo seu reino, fora do palácio ou qualquer atividade, antecipadamente seu pai ordenava que criados fossem antes e retirassem de seu caminho os velhos, os doentes, os mortos e outros fatos tristes para que ele apenas contemplasse alegria e beleza. Com isso pensava evitar evitando assim que ele seguisse o outro possível caminho espiritual, previsto pelo grande sábio da floresta quando o viu.

Foi assim que Sidarta, desde sua infância, adolescência e já como adulto viveu em meio a uma linda e doce ilusão e se casou com a linda princesa Yoshadara, com quem teve um lindo filho chamado Rahula e viviam felizes no palácio, em meio às facilidades e riquezas materiais infinitas, príncipes que eram.

AS DESCOBERTAS DAS MAZELAS TERRENAS

Sidarta vivia muito feliz em meio às festas e pompas reais, amava muito tanto a sua linda esposa quanto a seu filho, quanto a todos ao seu redor; seu carácter era gentil, amoroso, pacífico e muito sábio e compassivo com tudo e todos.

Seu pai também estava muito satisfeito e feliz com o príncipe e logo o entronaria como novo rei do reino Sakya em seu lugar e continuava com sua incrível habilidade de não deixar seu filho ver os problemas do mundo, vivendo uma vida encantada sem sofrimentos, na corte real.

Mas, o destino do jovem Sidarta estava escrito nas estrelas. Um belo dia, sem que seu pai ou outros soubessem, Sidarta combinou com seu melhor amigo Ananda, uma cavalgada bem cedo em seu lindo cavalo branco chamado Kantaka, pelos campos de seu reinado. Desta vez, ninguém poderia saber e ninguém o seguisse, apenas Ananda, seu melhor amigo, que por sua vez tentou persuadi-lo a não ir, mas foi inevitável e foi assim que saíram pela madrugada a passear, cavalgando, o que Sidarta adorava.

O reino Sakya era muito bonito, viam-se as inúmeras montanhas do Himalaia, terra fértil e verde, com muitos agri-

cultores pelos campos. O jovem Sidarta contemplou o cotidiano das pessoas com muita admiração e adorou ver o nascer do sol que trazia luz ao dia e sua força única e o saudava com muito amor, pois sem o sol não existe vida, pensava ele, e reverenciava o astro rei: O sol.

Nesse passeio, num momento ele se deparou com uma cena que o deixou muito confuso pois nunca tinha visto aquilo em sua vida: na beira da estrada, estava uma criança doente e passando muito mal; o jovem príncipe ficou atônito pois nunca tinha visto ninguém doente, desceu do cavalo e foi ver de perto, com seus próprios olhos, e ficou sem ação com o que viu e sentiu e perguntou a Ananda, seu amigo querido: Ananda o que esta criança tem?

Ananda respondeu: – Meu príncipe, esta criança está doente.

Sidarta ficou surpreso pois, por mais incrível que parecesse, ele nunca tinha visto alguém doente e ficou com um sentimento que nunca havia sentido: tristeza devido àquela situação e, ingenuamente, perguntou: Ananda as pessoas ficam doentes? e Ananda respondeu: Sim, todas as pessoas ficam doentes, em algum momento de suas vidas.

Sidarta ficou mudo, desejou o melhor para aquela criança, montou em seu cavalo e seguiu na trilha. Continuou observando o sol, mas desta vez menos radiante e silente e Ananda percebeu que seu amigo estava diferente.

Alguns quilômetros depois ele viu uma segunda cena que também nunca havia visto na sua vida; viu um ancião idoso, com muitas rugas e seu corpo bem frágil, magro e fraco.

Aquilo o chocou, pois em seu palácio e onde convivia, só havia gente linda, pessoas bonitas, bem vestidas e, aparentemente, sempre sorrindo. Diante dessa cena perguntou a Ananda: – Quem é este, Ananda? Porque ele se parece e está nesta situação física? – Ananda respondeu – Este senhor está velho, meu príncipe, a velhice o acometeu e todos nós, fatalmente, um dia ficaremos como ele.

O ingênuo príncipe, mais uma vez emudeceu diante daquele idoso, novamente montou seu cavalo, seguiu seu passeio que o estava transformando diante da realidade que ele desconhecia completamente por decisão de seu pai, o rei, que evitava tais situações a ele.

Mais adiante, ele viu um funeral e se deparou com um cadáver numa pira funerária e, desta vez ele estremeceu e ficou imóvel. Seus olhos, contemplando o cadáver, um homem morto, estavam esbugalhados e sua mente não compreendia o que estava ocorrendo e vendo, pois ele nunca tinha visto alguém morto. Ananda, percebendo o estado de seu amigo perguntou: – Príncipe amado, está tudo bem? Sidarta respondeu: Ananda, o que meus olhos vêem, minha razão não compreende. Me diga, Ananda, o que estou vendo? – Ananda respondeu amorosamente: Sidarta, meu amigo e grande príncipe, este é um corpo de alguém que morreu e está esperando ser velado e incinerado logo após.

Morreu? O que é morrer? Perguntou Sidarta. Ananda disse: – Querido Amigo, o que vês é a morte, o inevitável destino de todos nós humanos, que um dia acontecerá.

Sidarta não podia se conter de desilusão e tristeza, vendo esta última cena e com muita confusão em seus sentimentos e pensamentos retornou a galope em direção ao seu palácio, transtornado, e Ananda ficou muito preocupado com ele e o acompanhou de volta.

Antes de atingirem o palácio Sakya, Sidarta viu, na beira da estrada, um grupo de homens caminheiros, com cuias nas mãos, esmolando, muito mas muito maltrapilhos, mas com uma serenidade, silêncio e paz que o fez parar. Mesmo em estado de profunda confusão, observou estes homens e perguntou a Ananda, novamente, quem eram aqueles que ele nunca tinha visto. Porque estavam assim vestidos em frangalhos? Sentia neles uma força, uma serenidade, uma paz refletida nos olhos deles que, estranhamente, chamou a sua atenção e o acalmou. Ananda respondeu: são sanyasis, meu príncipe. Sanyasis são aqueles homens que, um dia renunciaram completamente ao mundo material de desejos e apegos e, através de um caminho espiritual, buscam encontrar a paz interior se iluminando.

Sidarta observou e perguntou a Ananda: – Teriam eles respostas para o que acabo de vivenciar? Saberiam eles como acabar com a doença, a velhice e a morte? Saberiam eles me ensinar a superar estas três terríveis mazelas?

Ananda disse – Não saberia lhe dizer exatamente se eles já possuem as respostas para isto, meu príncipe, mas eles estão em busca dessa superação através da compreensão além do mundo físico, procurando encontrar a verdade e a realidade última.

Sidarta não havia compreendido muito bem a resposta de Ananda e, muito menos, estava compreendendo e assimilando tantas informações novas. Havia saído para apenas uma cavalgada, mas foi ele sair pela primeira vez, sozinho, do seu palácio e ter tido contato e encontrado o mundo real, que remexeu muito com ele; estava aterrorizado e não controlava esse seu sentimento de profunda tristeza e confusão que estava além de seu entendimento. Nesse estado, chegou ao palácio real, apeou de seu cavalo e se recolheu num desespero sem fim, se isolou em seu quarto, começou a entrar em profundos questionamentos sobre aquilo apenas visto e vivenciado com Ananda, no dia do seu encontro com a realidade que ele nem imaginava existir. Sidarta estava desolado.

A SAÍDA DO PALÁCIO

Yoshadara, a esposa de Sidarta, entrou no quarto e viu seu marido muito quieto e contemplativo, num estado de profunda tristeza que ela nunca havia visto nele, homem sempre muito alegre e divertido.

Quando ela o cumprimentou e abraçou, ele começou a chorar como uma criança.

Ela ficou consternada com aquilo, pois ela nunca tinha visto seu marido chorar, e perguntou: – Sidarta, porque choras meu amor? O que aconteceu? O que tens?

Sidarta olhou nos lindos olhos castanhos de sua esposa, abraçou-a ainda mais forte e chorava ainda mais.

Yoshadara ficou muito preocupada e não sabia como agir naquela situação. Sidarta a levou ao lado do seu filho Rahula, que ainda estava no berço, o pegou no colo e, olhando para ele, continuava a chorar profundamente e com muita, mas muita dor em seu coração, disse a sua esposa:

- Minha linda princesa, vendo a ti e a meu filho que tanto, mas tanto amo neste momento, me sinto feliz, mas hoje eu descobri que esta situação em breve irá mudar e eu não irei suportar a dor do que acontecerá.

Ela perguntou? – Mas meu amor, o que irá acontecer conosco? o que estás dizendo? Não compreendo, me explique melhor, porque estas lágrimas, este desespero? de onde surgiu tudo isto?

Sidarta respondeu: – Minha amada, um dia eu, você e nosso filho teremos um cruel destino, nós iremos ficar doentes, velhos e iremos morrer; soube e descobri desta triste e verdadeira realidade junto a Ananda nos arredores do reino, quando saímos, secretamente, a cavalgar e isto me deixou sem chão, sem base e não estou sabendo lidar com estes sentimentos que nunca havia sentido antes.

Sidarta, você saiu do palácio sem seu pai saber? Como assim? O que aconteceu?, perguntou a princesa, e ele respondeu: sim, saí nesta madrugada sem ninguém saber, mas nunca eu imaginaria que isto fosse ocorrer, me deparar com este triste fim de todos deste reino, inclusive você meu amor e nosso filho, de um dia podermos ficar doentes, velhos e morreremos. Caiu em prantos, completamente desolado.

Yoshadara ficou muda e estática, apenas abraçou seu marido e o amparou, acariciando os seus longos cabelos.

O dia assim passou, num profundo silêncio, uma profunda tristeza, ninguém saiu do quarto, Sidarta não queria comer. Quando a noite chegou e Rahula e sua esposa se adormeceram, Sidarta olhou pela janela, observou a lua que estava plena e ficou meditando profundamente sobre aquela situação e tudo que havia vivenciado naquela manhã.

Ele não conseguiria suportar a dor de um dia ver sua mulher ficar doente, ele envelhecer e seu filho morrer; ele não queria nunca encarar essa situação e ficou pensando como seria e se seria possível superar estas três mazelas da vida humana.

O que ele, como príncipe, poderia fazer? como? e sua mente ia longe numa profunda amargura, até que teve uma luz, em sua escuridão mental, se lembrou daqueles homens maltrapilhos e de cuia na mão assim chamados Sanyasis “os renunciantes”, que também encontrou no caminho e se questionou, internamente: – Será que eles teriam respostas e soluções para estas catástrofes? Se eu os procurasse e os seguisse, poderiam eles me ensinar a superar a doença, a velhice e a morte que nunca quero que se acometa sobre minha esposa e filho?

Assim como um sopro de esperança, uma luz de sol no meio da tempestade, tomado por uma forte e interna motivação, teve a intuição incrível de abandonar tudo, seu palácio, seu futuro trono, suas riquezas materiais, seu conforto e tudo que o cercava e, por enorme amor à sua esposa e filho, decidiu ir ao encontro daqueles chamados Sanyasis, aprender a superar aquilo que estava destinado a acontecer com todos, invariavelmente.

Tarde dessa mesma noite, envolto nestes pensamentos, Sidarta saiu em silêncio, sem se despedir de ninguém, olhando apenas de relance para sua linda esposa que já dormia, beijou seu lindo filho no berço e, desesperado em busca de respostas, se dirigiu, sozinho, com seu cavalo Kantaka, em direção à floresta fora do palácio para encontrar e se juntar aos homens buscadores da verdade, que havia visto pela manhã.

SIDARTA SE TORNA UM BUSCADOR DA VERDADE

Sidarta desceu de seu cavalo e o deixou à beira da estrada; doou suas joias e trocou suas roupas de príncipe com um homem simples que o encontrou e não acreditou naquelas bênçãos que havia recebido. De vestes muito simples, Sidarta entrou na floresta e foi ao encontro daquele grupo de homens que ele havia visto e que Ananda havia dito serem pessoas que haviam abandonado o mundo material completamente e estavam em constante prática espiritual. Eram chamados de Sanyasis, os que abandonam tudo para encontrar a verdadeira compreensão da realidade última.

Quando os encontrou foi silenciosamente acolhido, com todo o carinho e respeito e, assim como profetizado pelo sábio da floresta quando ele nasceu, inicia um novo caminho que ele mesmo com seu livre arbítrio e fortemente inspirado e motivado, quer trilhar buscando encontrar a solução e superação da doença, da velhice e da morte para que, quando finalmente obtivesse as respostas, voltaria imediatamente para sua esposa e filho a fim de evitar esse enorme sofrimento, se é que era possível.

Os homens que lá estavam, na primeira noite, fizeram uma fogueira e dormiram ao relento. Todos eles perceberam

que Sidarta era uma pessoa refinada, pela delicadeza de seus traços, mãos e, muito curiosos, perguntaram a ele qual era sua casta e de onde vinha.

Ele respondeu: Irmãos buscadores, até este dia pela manhã, eu era um príncipe, que herdaria o trono do reino Sakya, onde estamos. Mas, nada disto me serviria e não encontraria minha felicidade se um dia eu mesmo, príncipe ou rei, minha esposa e meu filho e todos meus queridos próximos do palácio, morrêssemos. Assim, vim em busca de praticar e superar esta terrível condição humana que aflige a todos nós e, quando encontrar as respostas, compartilharei com todo o mundo, começando pela minha amada família.

Os Sanyasis, ao seu redor, ficaram surpresos com o que ouviram, pela fé e coragem daquele jovem príncipe e futuro rei que havia decidido abandonar tudo e praticar, com eles, pois era raríssimo alguém de tão alta classe tomar tal decisão. Na verdade, acharam que o primeiro mas, sábios que eram, não lhes interessava mais qualquer posição social, pois já entendiam que desta vida não levamos nada e que bens materiais e seu apego a eles era uma enorme ilusão pois nada é para sempre e tudo é completamente transitório. Todos lhe disseram e asseguraram que, quando alguém busca com pura motivação, coração e verdade, Deus proverá todas as respostas o que ainda mais encorajou Sidarta a atingir seu lindo e nobre propósito.

E assim foi que, neste dia, Sidarta entrou na floresta, se juntou aos renunciantes do mundo material, os *Sanyasis* buscadores e foi com eles aprendendo e descobrindo as práticas espirituais mais austeras, difíceis e elevadas.

CONHECENDO OS ENSINAMENTOS E PRÁTICAS

Sidarta permaneceu na floresta por sete longos e lindos anos, nos quais teve contato com muitos sábios, buscadores, mestres e praticantes de todo tipo de ensinamentos espirituais mais elevados que eram conhecidos na época.

Assim, pouco a pouco, passo a passo, foi aprendendo, recebendo, estudando e praticando os conhecimentos mais profundos que os sábios chamavam de Vedas passados de geração a geração, de mestre a aluno, de Guru a discípulo, pelos inúmeros sábios de muitas vidas passadas floresta, que eram chamados e conhecidos de *Rishis* (médiuns) e que provinham de uma origem muito ancestral, muito remota e antiga. Ele achava incrível que, durante toda sua vida no palácio, quase nada havia aprendido ou nada havia ouvido sobre os vedas e suas maravilhosas inspirações; ele apenas havia visto rituais lindos mas superficiais, sem nenhuma profundidade. Ele mesmo, naquele tempo, não se interessava muito nisso, apesar de ser curioso, pois estava muito imerso e envolvido na vida de prazeres, diversões e luxo do seu reinado.

De imediato, descobriu que os *rishis*, os sábios da floresta, conseguiam encontrar, incrivelmente, dentro de si mesmos

e não fora no externo, as respostas que cada um buscava; eles diziam que todos nós somos uma emanção da energia maior, criadora, única e universal que move universos e galáxias que a chamam de Deus (Brahman). O todo e o tudo estão imersos e interligados nesta força, muito embora cada um tenha sua individualidade, mas somos totalmente interdependentes uns dos outros. Este foi seu maior e primeiro ensinamento: de que todos surgimos e estamos integrados nesta fonte primordial de onde surgem todos os fenômenos e que nos equivocamos em nos acharmos separados desta fonte divina; ilusoriamente, tamanho o poder de criação de nossa mente, o espelho divino, que pode se auto iludir se achando independente de tudo e de todos. Ele aprendeu que o grande caminho é dominar a mente, para que ela se ajuste às leis divinas e se integre com Deus lúcida e conscientemente, pois em verdade já estamos integrados de qualquer maneira, apenas a mente se ilude numa pseudo auto dependência. Tudo está imerso nessa fonte, nesse criador, as respostas estão todas disponíveis dentro desse espelho divino, a mente humana. A ferramenta para domar a mente percebendo a natureza última da realidade, conhecendo profundamente a si mesmo, se auto controlando, se auto conhecendo, buscando e encontrando todas as respostas em si mesmo, se chama meditação.

Os vedas, ensinamentos provenientes das esferas espirituais mais elevadas que foram canalizadas através dos ancestrais *rishis* (médiums), ensinaram a Sidarta que, antes de mais nada, não existe morte, pois somos efetivamente todos imortais; que o criador, Deus, nos deu nossa essência que é como uma centelha divina eterna, a que chamam de espírito.

A morte ocorre apenas com o nosso corpo físico, que vai perecendo ao longo do período em que dura, ou seja, uma vida. Ele é apenas um envoltório carnal é mortal, finito, transitório e efêmero e tem a única função de dar ao nosso espírito, verdadeira essência imortal de nós mesmos, experiências corpóreas que são captadas pelos nossos sentidos físicos para desenvolvermos espírito para vibrar, sintonizar e ressonar a energia primordial que é chamada de amor (*prema*).

A morte é apenas física, ou seja, abandonamos o corpo e nosso espírito volta à nossa casa de origem que não é este mundo físico, mas o plano espiritual, nosso verdadeiro lar, e num ciclo incessante voltamos a esse plano material em novos corpos, novas vidas, renascendo e reencarnado inúmeras vezes até que, quando soubermos lidar, vibrar e integrar com o amor e a energia divina, poderemos ir para esferas e dimensões espirituais mais elevadas.

Também aprendeu que existe, no universo, uma infinidade de planetas e que, cada um deles, é habitado por espíritos com maior ou menor vibração no amor, que vamos renascendo nesses planetas de acordo com nossa atual vibração, manifesta na consciência para irmos cada vez mais purificando nossa essência verdadeira que é nosso espírito, em um movimento de expansão purificadora infinita.

Nos seus primeiros ensinamentos védicos, Sidarta aprendeu que nosso planeta é um dentro de milhares possíveis, um planeta mediano, no qual se reúnem espíritos de vários tipos de purificações, uns bem primitivos (ainda que são pautados nos sentidos físicos) e, outros, mais evoluídos já vibrando mais no

amor. O planeta terra pode ser tanto um hospital para espíritos primitivos rebeldes, quanto escola para espíritos evoluídos, mas também rebeldes na sua vaidade e egoísmo; estamos aqui todos, sem exceção, encarnados em um corpo físico transitório com a já sabida essência espiritual imortal e eterna, que manifestamos neste plano material para crescer e evoluir através da percepção profunda de todos os fenômenos que nos ocorrerão através dos sentidos físicos. Mas muito embora nos manifestemos neste atual corpo físico, somos espírito, em realidade, e estamos envoltos e imersos no magnífico plano espiritual de onde tudo surge e provem; o objetivo desta existência curta e rápida é aprendermos a superar nossos instintos primitivos e a sentir e vibrar a energia que move universos e galáxias: *prema* o amor. Voltaremos e renasceremos reencarnando em sucessivas vidas, nos utilizando de inúmeros corpos locais e situações, aprendendo incessantemente em cada existência carnal, efetivamente, amar.

Ouvindo de muitos toda esta teoria desenvolveu, através de práticas de meditação que em realidade são muito simples mas extremamente profundas, a perceber, com sentimentos, esta vibração que transforma tudo e todos, o amor, e quanto mais se conectava e se integrava a ela, Sidarta compreendia esses profundos ensinamentos e entendia, através da experiência direta, que realmente era um espírito imortal, que não existe morte. Superou e atingiu o que buscava: se não existe morte, essencialmente, velhice é apenas o tempo de uso de um corpo físico e a doença é decorrente de não sabermos utilizar e nos integrarmos nessa vibração de amor plena e pura: Deus.

Durante os sete anos, aprendeu muitas coisas: descobriu que as palavras que emitimos tem vibração e que os sábios da floresta, meditando profundamente, conseguiam perceber a vibração de tudo em conexão com os planos espirituais mais elevados. Dessa profunda percepção dos *rishis*, os sábios trouxeram e canalizaram para nós um lindo idioma vibracional, direto do plano espiritual para o material a que chamamos de Sânscrito, de onde cada palavra dita, verbalizada, ressoa no íntimo de cada ser o que ela quer dizer seja no plano físico cognitivo, grosseiro, seja no transcendental mais profundo.

Assim, palavras como Dharma, Karma, Atma, Brahman, Shanti, Yoga, *prema*, *padma*, cada uma delas tem uma vibração específica quando a proferimos e sua transmissão é melhor compreendida em ambos os planos, seja material seja espiritual.

Compreendeu que, agindo internamente em meditações, se auto observando, se auto descobrindo e se auto conhecendo, e, externamente, com ações de caridade incessantes, ia cada vez mais se tornando uma pessoa melhor e ia encontrando sua paz interior, se sentindo útil, já que tudo, tudo mesmo é um incessante intercâmbio de energia, e ia assim, em todas suas ações de corpo, fala e mente, se purificando espiritualmente e sempre se esforçava para ter uma conduta e atitude à frente de tudo e todos, de amor, sem nenhum tipo de violência, aprendendo a não reagir em nenhuma situação, a sempre falar a verdade, jamais roubar não se apoderando nada de que não lhe pertencia. Obtendo o completo controle sobre os seus sentidos físicos, se abstendo de excessos, não se apegava

absolutamente a nada material, cuidava pessoalmente do seu corpo, veículo raro que seu espírito utilizava para aprender, se contentava com o que ele tinha naquele momento sem reclamar de nada, se esforçava na sua prática de auto conhecimento e de purificação com determinação e motivação e sem culpas ou pesos, estudava os ensinamentos dedicando todas as suas ações físicas neste mundo material ao nosso criador, Deus.

Aprendeu a cantar mantras, que são louvores ao criador, uma vez que a música é pura vibração e sua ressonância e repetição reverbera e harmoniza nossa mente e corpo; sentia-se leve e em paz, pois cada mantra lhe proporcionava muita paz e alegria e ampliava este efeito quando cantavam em conjunto.

Também recebeu os ensinamentos mais profundos da Yoga, que é a perfeita união da nossa mente individual com a mente universal, a prática de remover e sair da ignorância e enorme ilusão (maya) de que, por equívoco, pensamos que somos autônomos e separados de Deus (Brahman). Tendo ele praticado a fundo este lindo caminho espiritual, ensinado pelos sábios (*rishis*) que a praticam (*yoguis*) incessantemente em suas diversas facetas, principalmente as quatro principais, Bakthi Yoga (pura devoção), Janana Yoga (estudar profundamente os ensinamentos), Karma Yoga (levar sem cessar benefícios aos seres) e Raja Yoga (todas as práticas em uma), percebeu que se perseverasse nelas encontraria a união pura e perfeita com Deus, a chamada iluminação.

Sidarta era um excelente aluno e se destacava em todas as práticas e, devido ao seu enorme esforço e disciplina, conseguia superar as práticas mais austeras e difíceis que lhe eram dadas.

Aprendeu que seguir e imitar a natureza em todas as suas manifestações lhe dava a sensação de estar integrado ao meio, se sentindo, assim, em enorme paz mental. Comungando com a mãe natureza, a prática de posturas que imitavam e saudavam o sol, a lua, os animais e, através da harmonização da respiração e movimentos corpóreos, conseguia se compreender e se integrar melhor ao todo.

Foram-lhe ensinadas várias técnicas de respiração, o sopro divino, de onde ele sentia profundamente a sua energia interior se conectando com a energia maior; acessando o fluido universal (prana) em simples exercícios respiratórios, contemplava a sua própria respiração, o incessante inspirar e expirar, percebia que inspirando seu corpo se regozizava captando a energia fluida e expirando relaxava, eliminando suas toxinas, medos, traumas e outras mazelas e dificuldades.

Aprendeu a meditar e com a meditação foi se auto curando e, praticando cada vez mais, ia ampliando sua purificação interna. Com isso, o externo brilhava, e ele entendeu que o nosso estado interno define como perceberemos o externo. Prolongava-se nesse apenas sentar em algum local agradável na floresta e, aliado ao movimento involuntário da respiração, o simples inspirar e expirar, incluía mentalmente algumas frases; dessa maneira conseguia se purificar ainda mais e entrava em êxtase ao encontrar a serenidade e a paz interior.

Sidarta praticava, respirando e pensando:

Inspirava amor, expirava ódio.

Inspirava perdão, expirava ofensa.

Inspirava fé, expirava dúvida.
Inspirava verdade, expirava mentira.
Inspirava esperança, expirava desespero.
Inspirava luz, expirava trevas.
Inspirava união, expirava discórdia.
Inspirava alegria e expirava tristeza.

Após estas simples meditações, nas quais ele percebia que, acalmando a mente, focando a mente e transcendendo a mente encontrava um estado de profunda paz e harmonia, aprofundou-se nisso, acalmando a mente através da respiração, focando a mente em algo específico e transcendendo os meros sentidos físicos através de uma percepção maior de emoções e sentimentos que não podia traduzir racionalmente em palavras, mas apenas, sentir.

Percebeu que temos uma consciência muito mais ampla e maior que nossos irmãos menores, os animais, e que temos uma condição muito superior em relação a eles neste planeta; diante desse fato, constatou que tinha uma enorme responsabilidade de amá-los ao invés de simplesmente explorá-los.

Nas noites estreladas da floresta se deu conta de sua pequenez diante do criador e, em estado de humildade pela grandiosidade incomensurável e incompreensível de toda a vida, de tudo ao redor, de si mesmo e com a contemplação dos astros, se sentiu de alguma maneira integrado, interagindo com a energia que as estrelas emanavam do alto, o que era extremamente saudável ao seu corpo. Sentiu a similaridade

desta energia das estrelas, com a energia do sol, com a energia das plantas, dos minerais, dá água do rio, do fogo e entendeu que tudo é energia e vibração no universo, que nada é ou está estático, mesmo árvores e mineiras, e que a vida é infinito movimento.

Em suas caminhadas observava, em profunda, lenta e silenciosa contemplação, as flores, as borboletas, os pássaros, os peixes, os animais terrestres e os homens em suas diversas formas e cores e se rendia à fonte primordial de onde surgem todos os elementos: Deus. Compreende que somos todos, sem exceção, interdependentes num constante intercâmbio energético interativo, seja positivo ou negativo e aprendeu, assim, através de sua respiração e controle mental utilizando-se da meditação, a organizar e equilibrar as energias internas que se moviam como uma dança cósmica por todo seu corpo, ao longo de sua existência: dias com saúde, dias sem saúde, dias de alegria e euforia, dias de tristeza e melancolia; assim, compreendeu que para todo e qualquer evento externo, existe uma energia interna relacionada a como percebemos e sentimos esse evento, o fenômeno externo. Neste controle mental que reorganizava e alinhava os seus centros energéticos internos (chácaras) e, conseqüentemente, todas as suas emoções e sentimentos, e com este incessante e maravilhoso contato com todos os seres do criador, que são divinos em sua essência, numa diversidade infinita dentro de uma unidade absoluta, começou a entender que mesmo em possíveis eventos negativos e desfavoráveis, as quais passariam mas que tinham um propósito, incompreensível naquele momento, já que o criador é puro amor, e que ele, mesmo que quisesse, não tinha

nenhum controle do que se passava no externo, desígnio de Deus, mas que ele tinha, sim, a total capacidade de controlar de como ele reagiria a estes eventos e, independente de qual fosse, favorável ou desfavorável, mantinha equilibrada a sua energia interna e assim, atingiu uma transcendental compreensão e absoluto controle de si.

Concluiu, então, de que tudo é uma vibrante energia e tudo, absolutamente tudo, é composto de essência, substância e energia; se tivermos sabedoria de nos auto conhecer a fundo, poderemos ser os mestres de nós mesmos, controlando e equilibrando essas energias internas que são como ventos interinos.

Descobriu que é a verdadeira liberdade, que não é fazer tudo o se quer, em qualquer momento, pois isto na verdade é uma liberdade ilusória que a muitos confunde, mas sim, a verdadeira liberdade é aprender a se manter e estar equânime com a energia interior equilibrada, controlando emoções e sentimentos, independentemente de quaisquer causas ou condições que estamos vivenciando, e assim estaremos em plena liberdade com esse auto verdadeiramente.

Compreendeu que somos filhos da mãe terra, seres da natureza e que, imersos, esquecemos disto pois vivemos num mundo artificial, de palácios, centros urbanos, roupas, eventos e toda a sorte de entretenimento, onde perdemos rapidamente esta conexão divina natural, mediúnica, entre o homem e a natureza e que estar em frequente contato com ela, a natureza, nos equilibra lenta e naturalmente e, por fim, entendeu o porquê de todo os sábios escolherem viver, estudar, meditar e praticar na floresta.

Aprendeu, neste período de sete anos em plena natureza selvagem, muitas coisas que nunca havia aprendido no palácio e se questionou sobre o porquê de todos não quererem ter acesso a esses mágicos ensinamentos e práticas que poderiam libertar a muitos de seus sofrimentos, desejos, apegos e ilusões materiais.

Depois de todo esse tempo e com todas essas vivências, ele percebeu que estava pleno, mas que ainda lhe faltava algo. Olhou seu corpo físico e viu que estava extremamente magro e fraco e que, como ficava muitos dias em jejum e se alimentava apenas de sementes, frutas e raízes das florestas, estava quase em pele e osso. Dirigiu-se ao rio, contemplou-se na água e vendo seu reflexo, se chocou com o que viu: sua face em estado lastimável, seu corpo muito deteriorado, já não se reconhecia. Assim decidiu abandonar todas aquelas práticas yoguis, que havia aprendido e que eram extremas e já não faziam mais sentido para ele. Então entrou no rio para se banhar.

No rio que lentamente corria no fluxo incessante e contínuo de todo o rio, estava ele imerso em suas dúvidas que começaram a surgir: será que, aquele caminho que ele havia escolhido, era o melhor? Havia ele superado velhice, doença e morte? Como estaria sua família? O que afinal havia atingido após anos de estudos e práticas? Era realmente necessário ficar assim isolado e cadavérico, permanentemente, para encontrar as respostas que buscava? Estava imerso nestas dúvidas e questionamentos, quando, como uma bênção de Deus, passou uma pequena canoa de madeira, com dois jovens a bordo que conversavam entre si e nem perceberam Sidarta. Sidarta

os viu e escutou o diálogo que se passava entre os dois. Um deles estava com uma citara na mão, tentando afiná-la, mexendo nas cordas do instrumento musical; o outro amigo, que remava, olhava seu amigo tentando afinar e sugeriu a ele: Irmão querido, preste muita atenção na dica que vou dar: se você deixar a corda frouxa demais, o som sairá desarmônico, se você apertar demais a corda, ela estoura, assim você não tem nem que afrouxar muito e nem apertar muito as cordas, você tem que encontrar um caminho do meio para encontrar o som perfeito desse instrumento musical.

Sidarta, como num estalo, quando ouviu aquele diálogo que soou como linda música aos seus ouvidos, arregalou os olhos e começou a gargalhar em êxtase. Era isso, ele incrivelmente compreendeu a profundidade do que acabara de ouvir e entendeu que era uma mensagem que tinha recebido do plano espiritual, manifestada naquele exato momento. Deveria afinal abandonar a floresta e suas extremas práticas e, como as cordas da cítara para sair um som perfeito, deveria encontrar um caminho do meio, harmonizando o espiritual e o material, em sintonia com tudo que ele já compreendia de ser tudo e todo: matéria, espírito e energia.

Assim, extremamente feliz, saiu do rio: ainda muito fraco, caminhou um pouco e encontrou uma linda e enorme figueira e por ali se sentou refletindo no que acabara de receber.

Neste exato momento, uma jovem camponesa estava fazendo uma oferenda de arroz doce aos deuses e, quando viu Sidarta, achou que ele era um Deus que se manifestava e ofereceu a ele a comida.

Sidarta agradeceu e comeu a oferta dessa jovem, já num novo processo mental de aceitação da dualidade da mente. A distância, seus companheiros e amigos yoguis de longa data e prática, viram que ele aceitou a comida e, imediatamente entenderam que ele havia sucumbido e que teria abandonado, definitivamente, as suas práticas da floresta. Ficaram cabisbaixos e tristes.

Mas o que eles não sabiam é que Sidarta estava em paz e já com uma compreensão maior dos seus amigos. Debaixo dessa frondosa e linda árvore, ele entrou em profunda meditação depois da revelação que havia recebido.

Nem muito espiritual, nem muito material, sem extremos de nenhum lado, mas no caminho do meio.

APROFUNDANDO E SE ILUMINANDO

Sentado sob a frondosa e linda figueira, Sidarta decidiu se aprofundar o máximo que pudesse e encontrar, por fim, todas as respostas que buscava, superando os possíveis receios e dúvidas que porventura ainda tivesse e, finalmente, solucionar doença, velhice e morte, para que não assolassem sua esposa e filho, causa que o levou a abandonar tudo.

Com essa forte determinação, começou a entrar em profunda meditação, simplesmente observando sua respiração e sentindo o fluxo energético que ela causava em seu corpo; foi entrando em profunda conexão com seu ser interior, cada vez mais profundo, cada vez mais além, além, mais além, muito mais além até que encontrou um espaço energético em sua consciência em que se sentia pleno e em paz. Conseguiu, assim, nesse local mental, lembrar de todas as suas vidas passadas, uma por uma, e de que como, em cada uma delas, ele se esforçava para superar seus instintos humanos, descobrir o que mais valia em cada existência que revivia, quais os atos de amor ao próximo ele havia praticado.

Compreendeu que tudo na vida é transitório, impermanente, pois nada permanece estático e que esta constante mudança é fundamental para a transformação energética para

tudo e todos e que essa eterna transformação é a beleza da existência, a roda linda da vida.

Questionou-se sobre quem realmente ele era. Seria um corpo físico? Seria um sanyasi? Seria um príncipe? Seria um espírito? Aprofundando esses questionamentos, entendeu que ele nada mais era que a plena e pura liberdade de ser, sendo, e não era, como seu ego insistia em lhe convencer falsamente, uma mera identidade que pode surgir dessa liberdade de ser. Nessa liberdade de ser, todos podem escolher qual a identidade que quiserem: professores, estudantes, guerreiros, médicos, lavradores, comerciantes, enfim qualquer ofício, mas que essa identidade criada pela nossa própria decisão não representa o que somos verdadeiramente em essência, mas apenas identidades impermanentes. Somos, realmente destinada uma constante energia divina, essencial, imortal a que chamamos de espírito, a, infinitamente e pele eternidade, peregrinar e evoluir, evoluindo pelas estrelas, nascendo, morrendo, renascendo de novo e progredindo de acordo com a lei de Deus.

Assim começou a entender, cognitivamente, o mecanismo de tudo e cada vez mais profundo encontrou o senhor que representa as ilusões deste planeta, aquele que nos aprisiona em nossa ilusão mental chamado de Mara.

Mara sentiu uma forte energia de libertação que provinha de uma mente prestes a se iluminar completamente e sentindo isto em seus domínios, percebendo que aquele jovem meditando sob aquela árvore, estava na eminência de atingir o estado de pura compreensão da verdade absoluta universal e assim se livrar de seus grilhões ilusórios que encantam a todos, resolveu imediatamente demovê-lo desse possível advir.

Mara iniciou sua tentativa de iludir Sidarta e, de imediato, enviou a ele suas filhas lindas, jovens e ninfas, que apareceram na mente de Sidarta com extrema força sedutora, sorrindo, dançando. Eram belíssimas e com vestes que acentuavam o perfeito corpo físico e, neste movimento gentilmente e carinhosamente o enalteceram dizendo: Como és lindo, como és forte, e o convidavam para irem ter relações sexuais com elas.

Mara sabia que a maioria de todos os praticantes que iludira caíam nas fraquezas dos prazeres corpóreos, sendo o sensual o mais fortes deles.

Sidarta observou o dançar daquelas lindas moças, sorriu a todas elas, agradeceu, mas recusou o convite dizendo: Queridas, vocês são a doce ilusão que Mara enviou, eu sei, eu sinto. Ela quer que através do enorme desejo que me provocam os sentidos físicos instintivos, eu sucumba da minha aspiração de superação; mas, lindas moças, eu encontrei a minha energia interna e não dependo mais de causas e condições externas como o namorar de uma ninfa para me trazer felicidade; ao contrário, tudo de que necessito para ser feliz já encontrei e carrego dentro de mim mesmo.

Depois do pensamento de Sidarta, as ninfas se dissolveram na tela mental dele, e Mara admirou que aquele tão jovem rapaz, havia obtido um enorme poder mental, superando os prazeres sensoriais sexuais.

Mara não se deu por vencido e, então, recorreu ao Medo, outro fator de que todos os buscadores e praticantes da verdade também caem e abandonam seus caminhos pois o medo do-

mina e paralisa. Ciente disto, Mara, ilusoriamente, enviou um exército de milhares de soldados arqueiros que se apresentaram diante de Sidarta e disseram: Poderoso príncipe Sakya. Saia imediatamente desta árvore ou todos nós aqui, estes arqueiros guerreiros, iremos destruí-lo. Saia daí agora, jovem príncipe, lhe ordenaram aos berros.

Sidarta observou, calmamente, aquele enorme exército diante de si, todos com seus arcos e flechas armados e apontados para ele, mas com absoluta equanimidade, ele não se mexeu e nem respondeu e, então, os soldados irados, e a mando de Mara soltaram suas flechas contra Sidarta. Ele viu as flechas se aproximando mas, sem nenhum medo, pois já sabia que era imortal e que não existe morte, transformou assim, com o poder de sua compreensão, todas as flechas em flores, que caíram uma a uma ao seu redor.

Assim, Sidarta também superou o medo que, em verdade e em essência, é uma ilusão mental de falta de fé, amor e sabedoria das leis divinas universais, pois ele já havia compreendido que somos todos irmãos, filhos do mesmo pai criador, e que este pai criador é puro amor.

Mara não acreditava no que via e não se conteve. Com extrema raiva se manifestou pessoalmente a Sidarta e lhe disse: Meus parabéns, Jovem príncipe. Superaste as mais duras provas que testei, realmente és um ser de luz, um ser especial, algo incomum, e diante disso eu, que governo esse mundo de ilusões (maya) te convido para, junto comigo, governar tudo isso e assim tudo isso pode ser teu, tudo. Poderás ter o que quiseres, realizar o que quiseres, ter tudo, castelos, mulheres,

comida, escravos, o que desejares te será dado sem limites. Vem aproveite minha oferta e vens reinar comigo.

Sidarta contemplou a Mara em silêncio e respondeu: Mara, nada disso que me ofereceste me poderá dar a verdadeira felicidade, nem meu espírito se contentará com todas estas ilusões materiais que manejas bem e iludes a todos, pois sabes melhor que eu que nada disso é permanente e nada disso durará para sempre; tudo muda o tempo todo, quem assim o acredita fica preso ao nada em verdade, iludido, muito embora possa pareça até sólido e real. O que busco é a verdade em minha vida, o que é real, quero simplesmente ser verdadeiramente livre, vibrando na única fonte absoluta e verdadeira: o amor que provem de Deus, o resto tudo me será acrescentado e nada, absolutamente nada ,me faltará.

Mara foi derrotado depois desse diálogo. Sidarta havia acabado de superar o maior obstáculo de todos, acima dos prazeres sensoriais e medo: o ego humano com sua vaidade e egoísmo e, neste momento, se tornou um grandioso Pajé, um Buda, um iluminado, aquele que não tem dualidade em sua visão, percebendo, compreendendo e sentido que somos todos interdependentes, irmãos iguais, apenas com níveis de consciência, conhecimento e sabedoria maior ou menor. Depois de longos anos, sentiu a realidade última, a verdade absoluta, e encontrou a paz que todos buscamos.

Agora Sidarta era um Buda. Ele ficou maravilhado num estado de profundo êxtase por dias debaixo da figueira, que passou a ser denominada a árvore do Buda. Observando o mundo ao seu redor, já com o olhar transcendental, sem du-

alidades e sem ilusões, viu que o mundo e a vida é lúdica e mágica, que não existe morte, que somos espíritos imortais, que a velhice nada mais é que o tempo do corpo que se vai, e que teremos outro, em outras vidas, sendo o espírito a essência; que a doença é uma benção, um sinal para nós, um evento transitório para acordarmos da enorme ilusão, da nossa enorme ignorância (avydia), sendo uma ferramenta de Deus extremamente eficaz para alterar nossos rumos, perceber melhor a realidade com sua enorme misericórdia frente à nossa rebeldia de não querer ver o que realmente se é.

E o Pajé, agora Buda, sorriu para tudo e todos e decidiu ali ficar nesse estado único, apenas contemplando e sorrindo para o mundo pois, em alguma vida, em algum momento, todos os seres iriam, como ele, despertar para a verdadeira realidade. Sabia que todos estavam sofrendo por pura ignorância e inobservância das leis divinas e que era somente uma questão de tempo eles atingiriam o mesmo estado mental que ele estava aproveitando; que no fundo não havia nada a ser feito a não ser esperar o abrir os olhos das vendas da ilusão de cada um.

Do alto das esferas espirituais mais elevadas, seus mentores espirituais ficaram muito felizes com o que Sidarta havia conseguido nesta sua existência, finalmente se tornando um espírito puro como eles, iluminado, um Buda, e assim eles se aproximaram em festa, de Sidarta, se manifestaram e lhe disseram: Nosso querido irmão Sidarta, muito embora você tenha razão em seus pensamentos de que um dia eles irão despertar da letargia ilusória a que estão imersos, mesmo assim, observe e veja seus irmãos nesse plano, nessa terra, eles sofrem muito,

é muito sofrimento querido Sidarta, o mesmo que você sentiu. Não seria adequado você não atuar agora que é um Buda, mas ainda está encarnado. Aproveite querido, levante desta árvore e vá por amor a eles, vá, ensina-os a atingir esse grau de compreensão e pureza que você atingiu, ensina-lhes a verdade para não mais sofrerem e que todos possam encontrar, como você, a verdadeira felicidade.

Buda aceitou essa mensagem dos planos espirituais mais elevados e decidiu sair de seu estado de êxtase e, em estando até seu último dia encarnado, levaria a todos os seres que encontrasse e quisessem ouvi-lo, os seus ensinamentos (dharma), frutos de sua experiência direta.

Assim o fez. Movido por amor e compaixão aos seus irmãos, levantou e saiu caminhando para, primeiramente ir encontrar e compartilhar com Yashodara e Rahyla, sua esposa e filho, e o mundo transitório (samsara) receberia um ponto de luz com o Dharma que sairia da boca de Buda, como uma flauta oca, inspirado pelos espíritos mais elevados do céu de tushita: a colônia espiritual pura chamada arco-iris.

RETORNO AO REINO SAKYA

Sidarta havia se tornando um grande pajé e, muito feliz, ele começou seu retorno, caminhando para seu reino.

Logo que começou, reencontrou seus amigos buscadores da floresta e eles, o vendo, percebendo e sentindo que ele estava muito diferente, perguntaram: Sidarta, o que aconteceu contigo que estás assim brilhando, teus olhos têm uma complacência incrível e teu corpo parece flutuar?

E então Sidarta, agora Buda, lhes disse: meus irmãos, descobri as verdadeiras causas da felicidade e como superar e eliminar o sofrimento e se quiserem posso e gostaria muito de compartilhar com vocês.

Eles aceitaram de imediato Buda se sentou num lindo campo, que era local dos cervos, e aos seus amigos que haviam praticado há tantos anos com ele, proferiu seus primeiros ensinamentos já como Pajé Buda.

Aynara, depois de ouvir com atenção e maravilhada toda a história de Sidarta, perguntou ao pajé Ayurus: Pajé Ayurus, quais seriam então estes lindos ensinamentos para superarmos e eliminarmos os sofrimentos? E o pajé Ayurus, carinhosamente, respondeu e explicou:

Aynara, Buda até o final de sua vida compartilhou e, principalmente, praticou esses ensinamentos inspirando a todos para que pudessem sentir e descobrir por si mesmos, o que ele havia alcançado, pela sua experiência direta e não por meras palavras, ritos e louvores.

Assim, ele começou sua jornada que duraria mais de quarenta anos, em apenas expandir esses seus maravilhosos Dharma e começou com esses seus amigos da floresta e assim o fez dizendo:

– Irmãos queridos, a que acompanhei anos a fio na floresta. Em profunda meditação sob a figueira, lhes darei as instruções de como eliminarmos nosso sofrimento e encontrarmos a verdadeira felicidade.

Saibam que a fonte de toda e qualquer felicidade está em querer a felicidade do outro, nunca se esqueçam disso e a essência de tudo que irei lhes oferecer está contida nesses três preceitos:

- 1) de todos nós praticamos amor por onde formos, sempre, em qualquer circunstância;
- 2) nunca gerarmos nenhum tipo de sofrimento a qualquer um de nossos irmãos, que são todos os seres deste planeta e,
- 3) principalmente, dirigirmos a nossa própria mente.

É através de nossa mente que surgem nossos pensamentos, que geram todas as nossas ações nesse mundo seja de corpo, de fala e de mente.

A nossa mente é muito poderosa e assim podemos, facilmente, nos perder iludidos por ela e essa ilusão é que nos causa dor e inúmeros sofrimentos ilusórios.

Para conseguirmos encontrar a paz, eliminando o sofrimento e encontrando a felicidade, irei compartilhar quatro nobres verdades.

Estamos numa roda da vida, num ciclo incessante de nascimentos e renascimentos. Quando surgimos no mundo, somos muito ignorantes, não nos reconhecemos como seres espirituais e trazemos marcas mentais das vidas passadas. Temos uma consciência já pré-existente de vidas passadas, que nos dá a estrutura da vida em que estamos, e é através dos sentidos físicos, com o contato com o mundo material que surgem as nossas sensações, e delas escolhemos a que gostaríamos e recusamos a que não gostaríamos. Vamos, então, sempre desejar as que, claro, gostamos e iremos conseqüentemente criar um apego ao que gostamos.

Podemos, ainda, nos equivocar nessa roda da vida e criar uma ilusória identidade em relação ao meio em que vivemos. Nessa enorme ilusão, tudo girará em torno dessa falsa identidade e desses apegos e desejos, até que nosso espírito se libere do corpo carnal e tudo se dissolva e compreenderemos o quão equivocados fomos.

Se não compreendermos isso em vida, corremos o enorme risco de, exclusivamente, atuar no mundo com essa identidade e com todas as nossas forças defendermos essa identidade criada mentalmente, mas que no fundo, é uma enorme ilusão porque, em essência, somos um espírito imortal e a identidade

criada nesse mundo material é apenas para ele evoluir espiritualmente, mas não se apegar a ela.

Dependendo de nossas ações neste mundo, se elas forem extremamente positivas, poderemos atingir mentalmente estados elevados de paz. Mas, atentem que o contrário é verdadeiro: se nossas ações forem extremamente negativas, atingiremos estados de enorme aflição mental e sofrimento, distantes da paz.

Desta maneira, nossa paz e iluminação estão totalmente vinculadas e dependentes de como atuamos no mundo, em todos os nossos atos e ações e para nos purificar e atingir a iluminação, devemos simplesmente nos esforçar ao máximo que pudermos em todas as nossas ações de corpo, fala e mente, praticarmos amor, muito amor.

Assim, meus irmãos amados, nessa senda terrestre observem que temos quatro nobres verdades que são:

- 1) Existe sofrimento e ele atinge a todos nós, sem exceção, nesse mundo de provas e expiações;
- 2) Esse sofrimento somente existe e surge devido a causas e condições específicas que nós mesmos criamos, por pura ignorância;
- 3) Se eliminarmos completamente as causas e condições específicas que originam o sofrimento, ele irá desaparecer completamente de nossas vidas;
- 4) Para conseguirmos eliminar estas causas e condições do surgimento do sofrimento, sugiro trilharmos um caminho de oito passos, assim apresentados.

O primeiro passo é que termos a plena compreensão de que tudo está envolto na energia do amor do criador, neste fluído cósmico universal; o segundo passo, é que devemos, sem cessar, observar nossos pensamentos, eliminando os negativos e enaltecendo os positivos que surgirem; o terceiro passo é utilizarmos de nossa fala de maneira pacífica, mansa, amorosa mas firme e que não magoemos ninguém, e principalmente, que nunca, jamais, mintamos ou falemos mal de alguém, ou a utilizemos em demasia e sem sentido, cultivando sempre o maravilhoso silêncio. O quarto passo é que todas as nossas ações de corpo, fala e mente sejam sempre pautadas no puro amor; o quinto passo, é que nosso modo de vida seja útil e harmônico com nossa sociedade, na qual não exploraremos e nem prejudiquemos nenhum ser, nunca roubando, matando ou utilizando a sexualidade de maneira imprópria, luxuriosa ou libertina; o sexto passo é podermos nos disciplinar e nos esforçar para combater nossa vaidade e egoísmo, transmutando o nosso “eu” para a visão de “nós”, irmãos que somos, e o ” meu” em “nosso” em harmonia com as leis de Deus (Dharma). O sétimo passo é podermos simplesmente nos conhecer profundamente através da auto observação, com atenção plena a todos os nossos atos e ações no mundo, através de análises profundas de tudo o que ocorre em nossas vidas como lições vivas de aprendizado, utilizando da meditação para compreendermos as mensagens que a vida quer nos dar, em cada evento. Por fim, o oitavo e último passo é, sem culpas, localizar dentro de nós os vícios, dificuldades, mazelas e obscuridades, e com muita generosidade, paciência, amor, alegria, compaixão e equanimidade, colocar luz sobre

nossas sombras, entendendo que estamos todos aqui em evolução, aprendendo a vibrar no amor e estendendo essa compreensão última para todos os seres.

Nisso está toda a base do caminho que sugiro a todos trilharem, para que possamos nos livrar do sofrimento e compreender, profundamente, o amor divino universal, presente em tudo e em todos.

Aynara sentada ouvindo o Pajé Ayurus, ficou maravilhada com aquela história. Que lindo, que mágico, que maravilhoso e ela, internamente enquanto ouvia tudo com enorme atenção, se prontificou a praticar sempre aqueles passos propostos pelo pajé Buda para atingir a verdadeira felicidade e superar o sofrimento.

Com essa motivação, ela perguntou ao Pajé Ayurus: – Pajé, é lindo tudo isto, incrível, mas o senhor saberia me dizer como o Pajé Buda meditava para se auto conhecer e ir jogando luz nas suas sombras, evoluindo espiritualmente, se purificando em todas as suas ações de corpo, fala e mente?

O Pajé Ayurus respondeu: – Sim, minha querida menina, indiazinha linda dos lindos e longos cabelos pretos, cor de pele marrom e brilhantes olhos castanhos. Não só sei, como pratico sempre e irei te ensinar para que possas também praticar aqui, na nossa floresta, como faziam os nossos antigos ancestrais. O exercício da meditação, minha amada, nada mais é que nos auto conhecer profundamente jogando luz nas nossas sombras como disse há milênios atrás o grande Pajé Buda. Ele meditava assim:

Buscava um lugar em meio a floresta e se sentava, confortavelmente; como uma preparação inicial, começava com um pequeno exercício de respiração chamado *pranayama* em que ele inspirava lentamente sentindo, retinha por alguns segundos, expirava lentamente, e novamente retinha por alguns segundos até dar aquela necessidade de ar e, inspirava novamente.

Aí ele dividia sua meditação em três partes: Acalmar a Mente (*Shamata*), focar a mente (*Vipassana*) e transcender a mente (*Methabavana*).

Ele gostava, Aynara, como nós de para acalmar a mente, perceber a vibração de seu corpo com os elementos primordiais da natureza, terra, água, fogo, ar e éter, que é o elemento espiritual.

Ele sentia e observava o peso do seu corpo contra o chão e vinculava isso ao elemento terra: observava e sentia a pulsação de seu corpo e vinculava isso ao elemento água: observava e sentia o calor do seu corpo interno e vinculava isso ao elemento fogo: observava e sentia a sua respiração e vinculava isso ao elemento ar: Depois, sentia tudo ao seu redor e, com seus sentidos físicos e sem se apegar a nenhum deles, ouvia com a audição todos os sons que surgiam da floresta e de todos os seres habitantes de fauna e flora; com a visão, ele percebia todos os fenômenos luminosos captados por seus olhos e se maravilhava, estando ele aberto, vendo o externo e suas inúmeras possibilidades ou mesmo com os fechados nas inúmeras formas coloridas que se manifestavam na luminosidade de sua mente; sentia o gosto da sua boca e percebia tudo

que havia comido antes de meditar, com o paladar; com o tato, sentia suas mãos sobre seu corpo e percebia o calor que era gerado deste contato e, com o olfato, sentia os cheiros, todos agradáveis ou não, que o circundavam onde estava, e ficava assim fazendo esta varredura mental com seus sentidos físicos que são eles que nos dão a limitada percepção da realidade. Intuitivamente, neste percorrer os sentidos, podia presentir que existia muito mais que o que os seus meros sentidos físicos captavam e vinculava esse observar e sentir transcendental ao elemento éter.

A segunda parte era focar a sua mente, pois com uma mente focada podemos dissolver e solucionar qualquer obstáculo que surja internamente ou externamente em nossas vidas.

Assim, ele escolhia um dos sentidos físicos e mantinha sua atenção plena no sentido escolhido. Na maioria das vezes escolhia a respiração e, assim, focava no observar da sua respiração, mas sem alterá-la.

Quando, durante esse profundo observar da respiração, surgia um outro pensamento diferente, ele deixava que este pensamento se fosse, assim como surgiu, mas mantinha firmemente o foco completo e pleno na respiração. Dessa maneira, com tempo de prática, treinava sua mente a se manter focada plenamente no momento presente que é o que existe, afinal, pois nem passado e nem futuro existem, são apenas mais uma das armadilhas ilusórias da nossa poderosa mente.

Sidarta percebia e sentia a energia que se manifestava, pois cada vez que ele inspirava, seu corpo sutilmente se energizava e, cada vez que expirava, seu corpo aliviava e relaxava.

Sentia assim que inspirando, seu corpo energizava e, expirando, relaxava e aliava mentalização associada a essa respiração, inspirar energias fluidas positivas e expirar fluidos negativos. Assim se auto curava e se purificava.

Após ter praticado o foco, ele passava para a última e terceira parte, a transcendental na vibração do mental do amor.

Primeiro, ele pensava e mentalizava, em si mesmo, como espírito imortal manifestado na carne como Sidarta e aspirava, para si, do fundo do seu coração, “que ele fosse muito mas muito feliz e se livrasse do sofrimento”, e repetia isso por algumas vezes.

Depois, ele estendia esse sentimento para que todos aqueles que ele amava sua esposa, seu filho, seus amigos do palácio e a todos e repetia, mentalmente, mentalizando a todos: “que todos eles fossem também muito mais muito felizes e se livrassem do sofrimento”, e repetia por algumas vezes.

Então, ele pensava em alguma pessoa com quem tivesse tido alguma dificuldade, algum desavento, alguma mágoa, alguma emoção negativa, até o extremo de raiva e ódio, e por mais difícil que fosse e incômodo que lhe trouxesse, ele pensava nessa pessoa e aspirava que “ela fosse muito mais muito feliz e se livrasse do sofrimento” e repetia algumas vezes. Posteriormente, pensava em todas as pessoas com quem havia tido inúmeras dificuldades, desavenças, problemas, mágoas, rancor, ódio e compreendia que, muito embora fosse muito difícil pensar neles, ele entendia que eles eram todos irmãos muito doentes e, por fim, aspirava que todos eles, sem

exceção ” fossem muito mas muito felizes e se livrassem do sofrimento”, e repetia por algumas vezes.

E, para finalizar, ele agradecia ao senhor dos universos pela maravilhosa possibilidade da experiência humana, o presente de ter recebido um corpo físico para seu aprimoramento espiritual, aspirava do fundo do seu coração que todos, mas todos os seres sem exceção fossem muito, mas muito felizes, que todos eles encontrassem as verdadeiras causas de seus sofrimentos e os purificasse através de ações positivas no mundo, eliminando e evitando praticar ações nocivas, negativas. Aspirava, ainda, que todos tivessem muita lucidez em todos os momentos de suas vidas, principalmente nas provas e provações, que todos encontrassem as verdadeiras causas da felicidade através do puro sentir pela experiência direta: a energia do amor na capacidade que todos temos de beneficiar a todos os seres através da caridade e, finalizava com o compromisso de que todas as suas ações de corpo, fala e mente fossem purificadas através do altruísmo, aliado à sabedoria que se transforma no puro e verdadeiro amor em benefício de todos os seres. (*Aum mani padma hum*).

E, por fim, ficava entoando esse mantra que reverberava em toda floresta naquela época e se expande a todos, até hoje:

GATE, GATE, PARAGATE, PARASAMGATE, BODISOHA
que quer dizer: Além, muito além, muito mais além, até atingir a minha iluminação (purificação espiritual).

Era assim que meditava o Pajé Buda, entre outras maneiras, querida Ayanara, minha linda indiazinha.

O ENCONTRO COM SUA ESPOSA E FILHO E ÚLTIMOS PASSOS E ENSINAMENTOS

Após sete longos anos na floresta Sidarta, agora o grande Pajé Buda: o iluminado, caminhava de volta em direção ao seu reino Sakya. Já havia compartilhado seus primeiros ensinamentos no parque dos cervos, aos seus amigos, que agora, diante de tanta luz e sabedoria, se tornaram seus primeiros amigos e que, até o fim de sua existência, iram caminhar com ele e formarem um lindo grupo de buscadores e compartilhadores da pura verdade. O grupo seria denominado Sanga.

Buda, com sua pequena Sanga, retornava extremamente feliz para rever sua amada Yoshadara, seu lindo filho Rahula e toda sua família e amigos do palácio, principalmente Ananda e seu cavalo branco, o Kantaka. Em seu lento caminhar, ia observando e contemplado tudo ao seu redor: as montanhas, a estrada, os vilarejos, as pessoas, o céu, as nuvens, as plantas, as flores, os animais e o sagrado Rio Ganges que lhe ensinava, em seu eterno mover silencioso, que a vida é como um sonho lúdico, e que somos os sonhadores dela, cocriando com Deus através de nossos pensamentos e ações, que temos o livre arbítrio para decidirmos fazer o que quisermos nela, como num tecido de sonho, mas que colheremos os frutos do que plantarmos, do que fizermos com total liberdade.

Pensava assim na vida, como um sonho, de que como muitos ainda dormem, gostaria de amorosamente conseguir acordar os seus irmãos para pararem de sofrer e serem felizes. Assim, com todo amor e paciência do mundo, e sem esperar absolutamente nada em troca, em cada local que passava, ele com sua cuia, pedia comida. Muito embora não precisasse, assim mesmo pedia, pois desta maneira oferecia aos outros que o encontravam a grandiosa possibilidade deles doarem comida e, neste singelo ato de doar, se eles o fizessem, quem sabe aqueles que ele encontrava, não sentiriam a vibração do amor em seus corações, interdependentes energeticamente que somos, e acordassem de seu quase eterno egoísmo que os mantinham cegos, dorminhocos? Com esse fim não se cansava de oferecer a todos sua cuia, pois mais que ninguém, ele sabia que era dando que se recebia e, assim, ele sempre oferecia esta maravilhosa oportunidade a todos de poder doar. Muito embora a maioria das pessoas ainda não compreendessem e não aproveitassem a oportunidade, ele ainda assim, todo paciente, oferecia, oferecia e oferecia a sua cuia, com o maior amor do mundo para que as pessoas pudessem sentir o amor no simples ato de doar.

Também sentava e oferecia, a quem quisesse ouvir, o puro Dharma, seus maravilhosos ensinamentos, com a pura e linda motivação de beneficiar a todos eles, lembrando da essência espiritual que, em realidade, verdadeiramente somos.

Chegando, finalmente, na frente de seu antigo palácio, o agora Pajé Buda encontrou Rahula, seu filho, já enorme e sua esposa ainda mais linda e radiante. Quando eles o viram, nem acreditavam, ele havia retornado. Sidarta, apesar de não

ter vestes de príncipe, estar bem mais magro e um pouco mais velho, foi reconhecido de imediato, mas havia nele uma luz diferente e radiante e um semblante de paz, que eles não conseguiam explicar.

Foram lindos momentos de abraços, choros e muita alegria. Então, ele contou a sua história e os motivos que o levaram a abandonar a tudo e a todos sem dizer nada a ninguém e nem se despedir. Seu pai, principalmente, e toda sua família vieram ao seu encontro para tentar entender o que havia se passado; estavam todos muito felizes com seu retorno, pois pensavam que ele havia morrido.

O Pajé Buda falou com muita alegria a todos que estavam no palácio, desta maneira:

“Meus ensinamentos, que agora irei compartilhar com vocês amada família, é o resultado da minha experiência direta em meu esforço de auto-conhecimento.

Todos poderão atingir esse estado e confirmar sua veracidade pela própria experiência, praticando. Eu aprendi que todas as coisas são impermanentes, que não existe um eu separado, que todas as coisas dependem de todas as outras para surgir, desenvolver, existir e terminar e, por isto, retornei não para ser Rei ou assumir meu trono por direito, mas lhes digo, principalmente a meu honrado e amado pai, que aquele Sidarta, o príncipe, não existe, que agora nada quero deste mundo material e irei, doravante, peregrinar por todo o reino e, por onde eu passar levarei benefícios aos seres sem cessar, através do compartilhar dos meus ensinamentos que nada mais são que praticar o mais puro amor

incondicional, não prejudicando a ninguém e controlando a nossa poderosa mente.

Mas a vocês, que são meus familiares de sangue, muito embora façamos parte de uma enorme família humana onde, em essência, somos todos irmãos, gostaria de dizer que todos nós possuímos dois tipos de forma de entender e sentir os fenômenos que surgem na nossa vida, que são divididos em eventos de que gostamos e eventos de que não gostamos.

Os dois tem origem na percepção da mente, que é criada através do contato dos nossos sentidos que se transforma em sentimentos íntimos que ficam gravados em nossa consciência. Assim, obviamente, nos apegamos ao que gostamos, evitamos o que não gostamos e vamos seguindo assim na vida. Porém a beleza desses sentimentos e percepções é que eles surgem e desaparecem, ao longo do mestre tempo, assim como qualquer outro fenômeno material ou mental.

Sabendo disto, eu percebi que podemos superar esse padrão mental de apenas procurar o que gostamos e evitar o que não gostamos, pois, geralmente, criamos muito apego ao que gostamos e se não o obtivermos começamos a sofrer por não ter o que desejamos, esquecendo que o desejo humano é ilimitado. Quando eventos ocorrem conosco, das quais não gostamos, ficamos muitos tristes ,sofrendo, nos fazendo de vítimas e, assim, ficamos presos à nossa própria criação mental de infantilmente buscar e querer tudo de que gostamos e evitar e rechaçar tudo de que não gostamos.

Mas, se ampliarmos nosso olhar, poderemos ver os fenômenos com mais profundidade e, assim, encontrar um sentimento equânime, onde, independentemente de termos o que gostamos ou não, nos mantemos alheios, mantendo nossa energia interior firme. Assim podemos conseguir, realmente, ver a natureza e a origem dos fenômenos e ver que, mesmo que, na verdade tenhamos o poder de transmutar todos eles, poderemos compreender que nossa mente cria tudo. Para melhor exemplificar: se compreendermos a realidade última, veremos que os fatos desagradáveis que nos ocorrem têm sua enorme beleza e a função de nos moldar, de nos ensinar, de a vida querer trazer alguma mensagem e que, se observarmos o que nos desagrada a fundo, poderemos, através da sabedoria, compreender esse evento como uma benção divina, uma lição para nos melhorar, uma vez que tudo, absolutamente tudo, está imerso no amor. Assim aprenderemos a transformar todas os nossos espinhos em flores, apenas mudando a forma como encaramos as dificuldades que, fatalmente, nos acontecerão.

Quando vocês puderem, realmente, ver a origem de todos os seus sentimentos, positivos ou negativos, que foram marcados na consciência pela sua percepção da realidade através dos seus sentidos físicos, e começarem a ver todos os fenômenos da vida como uma benção de Deus para nosso aprimoramento espiritual, estarão livres dos sofrimentos

Concluindo: a maioria dos nossos sofrimentos, meus irmãos, têm sua origem no modo equivocado de como olha-

mos e percebemos a realidade e que se mantêm gravadas em nossa consciência por vidas e, assim, em sucessivos renascimentos vamos superando e aprimorando essa relação de contato, sensação e sentimento.

Em algum momento, em alguma vida, atingiremos o estado dos espíritos puros que conseguem eliminar todas essas visões equivocadas e duais que ainda temos, percebendo o amor de Deus em tudo, em tudo o que nos ocorre e que devemos agradecer, mesmo que, na nossa limitação, ainda não compreendamos. Essa é a pura verdade: em tudo, absolutamente em tudo, daí graças ao criador e praticando o caminho da verdade superaremos essa enorme, ignorância que ainda nos assola para um dia termos uma visão transcendental, vendo com profundidade todas as formas, penetrando na sua verdadeira natureza muito além da mera materialidade.

Eu, humildemente, espero contribuir com todos no caminho que abre essa possibilidade de obterem a experiência direta da realidade última, e não apenas através de simples palavras que não podem descrevê-la, mas como ressaltado, novamente, tão somente através da experiência direta de cada um, que provêm de nossa prática incessante no bem, o qual nos habilitará a ver a verdadeira face da realidade nos dando, por fim, a fé raciocinada que se torna inabalável dentro de nós.

Saibam, também, que meus ensinamentos não têm nenhuma ritualística; são práticas de amor apenas e não há nada para se apegar e adorar.

Os ensinamentos são como uma canoa usada para atravessar um rio de uma margem à outra, da margem da ignorância para a margem da sabedoria e quando, finalmente, obtiverem a sabedoria, abandonem a canoa, jamais se apeguem a ela, pois apenas um tolo carregaria e veneraria uma canoa depois de alcançada a margem da iluminação.”

O Pajé Buda falou, gentilmente, ainda: temos que ter cuidado com o fanatismo, que é uma das inúmeras armadilhas da mente pois, sendo fanáticos perdemos a liberdade, acreditando que apenas nossa verdade seja a única verdade e que as outras correntes de pensamento sejam equivocadas.

Esse pensamento gera divisões, disputas e conflitos, é um grande impedimento no caminho espiritual, pois essa visão estreita, por convicções extremas e fechadas, pode deixar o praticante tão confuso que se perde em suas próprias visões e convicções.

Nunca podemos nos esquecer: nem todos os caminhos levam a Deus, mas Deus está em todos os caminhos.

Uma pessoa que escuta meus ensinamentos, tem que praticá-los e não se apegar a mim: eu sou apenas um instrumento nas mãos de Deus para compartilhar suas leis.

Posso dar um exemplo para melhor compreenderem o que quero dizer, e que pode ocorrer no futuro comigo e com os ensinamentos.

Imaginem uma pessoa que, muito doente, foi a um médico. O médico a examina e prescreve uma receita para que o paciente se cure.

O paciente pega a receita, a leva para casa e começa a pensar o quanto bom, inteligente e iluminado é aquele médico e faz uma pequena estatueta de madeira dele e a coloca num altar, em sua casa.

Depois, acende diariamente velas para à estátua que fez para o médico, coloca flores para ela, acende incensos, canta mantras, faz louvores, ora fervorosamente em alto som, sempre para a estátua do médico, mas simplesmente não faz o que deveria fazer, ou seja, apenas colocar em prática a receita que o médico receitou.

Eu sou como o médico que lhes oferece a receita de curar o sofrimento, o Dharma. Não se apeguem a mim, sou a flauta oca divina de onde os espíritos mais elevados se manifestam através de meu corpo físico para que todos compreendam a vida; gentilmente, eu lhes peço que apenas pratiquem a receita que lhes passo e, se vocês acharem que a solução está em um Buda, matem em sua mente este conceito do buda. A receita não está nele, mas sim dentro de vocês mesmos, centelhas divinas que somos, ou seja, somos todos Budas, apenas envoltos mentalmente pelo véu da ignorância.

E por fim, convido a todos a se juntarem a mim para praticarmos juntos essa energia que move universos e galáxias, chamada de Amor. Saibam que num futuro não muito distante virá um grandioso pajé que irá nos ensinar, com sua

vida como exemplo, a amar incondicionalmente sendo o verbo divino encarnado.

Seu pai ainda tentou convence-lo a ser Rei, ficar no palácio, mas ele disse que aquele Sidarta não existia mais e que nada queria deste mundo material e gostaria apenas de peregrinar por todo o reino e por onde passasse, levando benefícios aos seres através do compartilhar da sua experiência direta com seus ensinamentos a que todos chamavam de Dharma que eram simplesmente como praticar o mais puro amor incondicional.

Após a fala, seu pai, o rei Sakya, ainda tentou convencê-lo a ser Rei, ficar no palácio, mas ele disse que aquele Sidarta não existia mais e que nada queria deste mundo material. Gostaria apenas de peregrinar por todo o reino e, por onde passasse, levar os benefícios aos seres através do compartilhar da sua experiência direta com os ensinamentos a que todos chamavam de Dharma.

Sua esposa e filho se tornaram seus seguidores e com eles o Pajé Buda, saíram do palácio, foram peregrinando e disseminando o amor puro a todos os que encontravam pelo caminho, formando uma linda sanga de pessoas buscando a verdade e praticando amor. Eles caminharam, por toda sua vida até Pajé Buda fazer a passagem deste corpo físico para o plano espiritual, sempre exemplificando, com seus atos e atitudes, que não existe morte, que existem uma infinidades de mundos mais evoluídos ou menos evoluídos que o nosso, que tudo é energia e está em movimento e vibração em constante mudança, que nada tem solidez, tudo passa, que somos

espíritos imortais em eterna evolução com plena liberdade de escolher o que fazer nesta enorme escola chamada vida, que estamos todos matriculados para aprendermos a amar até que todas as nossas ações de corpo, fala e mente estejam em ressonância com Deus, que é amor puro, para irmos nos iluminando pouco a pouco, passo a passo e nos integrando à energia cósmica universal.

E por fim, minha querida e linda indiazinha, antes de sua passagem de retorno ao plano espiritual, em seu desencarne, os que o estavam velando em seus últimos momentos de vida, ouviram-no pronunciar essa última frase:

“ EU VIM NUM MUNDO DE SONHO, MANIFESTADO EM FORMA DE SONHO, PARA BENEFICIAR SERES DE SONHO: EU NÃO VIM EU NÃO VOU”

Assim o Pajé Ayurus terminou sua história com muita emoção e lágrimas nos olhos. Aynara por, sua vez, estava feliz e radiante de conhecer mais um maravilhoso pajé, esse chamado de Buda, aprendendo no coração da floresta amazônica, em sua pequena tribo na Mahsa Bariwi, num ponto equidistante entre o atlântico e o pacífico, nas margens do místico e mágico Rio Megro, sob milhões de estrelas que estavam no céu.

Quando deitou em sua rede de palha e ficou tentando compreender a última frase do Pajé Buda: ... *Vim num mundo de sonho*, ficou curiosa em saber o que sonharia naquela noite.

